

TURQUIA E OTAN SE UNIRAM, MAS PENSAM DIFERENTE

Por M.K. Bhadrakumar*



Os presidentes dos EUA, Joe Biden, e da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, durante reunião bilateral à margem da cúpula da OTAN em Madri, em 29 de junho de 2022 (Brendan Smialowski/AFP via Getty Images).

Suécia e Finlândia se esforçaram para dar garantias antiterrorismo à Turquia, mas como suas promessas exigem mudanças nas respectivas legislações, a adesão dos nórdicos à OTAN ainda está longe de ser um fato consumado.

A Turquia teve uma história difícil como país membro da OTAN. O impulso e o puxão da autonomia estratégica colidiam constantemente com uma garantia de segurança que a aliança oferecia, e também como forma de reforçar sua identidade ocidental. O Ocidente queria a Turquia por causa da Guerra Fria.

O enigma continua: a mudança da Turquia da neutralidade para o alinhamento era uma necessidade real em 1951? Stalin realmente lançou um mau-olhado em terras turcas? Algum outro líder kemalista além de Ismet Inönü, um euro-atlanticista sem verniz cuja concepção de modernização implicava cooperação com o Ocidente, teria sucumbido às súplicas anglo-americanas?

As relações entre a Turquia e a União Soviética permaneceram relativamente calmas durante o período de admissão da Turquia à OTAN. Em novembro de 1951, Moscou chegou a enviar uma nota ao governo turco protestando contra a decisão deste último de participar da OTAN, que afirmava que “é bastante óbvio que a iniciação da Turquia, país que não tem qualquer conexão com o Atlântico, para se juntar ao Bloco Atlântico, não pode significar nada além de uma aspiração por

parte dos estados imperialistas de utilizar o território turco para o estabelecimento de bases militares para fins agressivos nas fronteiras da URSS”.

As aspirações ideológicas de se tornar parte integrante – pelo menos no âmbito de uma aliança militar – do mundo ocidental desempenharam um papel decisivo na decisão da Turquia em 1951, quando, na realidade, não havia ameaça soviética iminente ou explícita à Turquia. Por outro lado, a importância geográfica da Turquia tanto para o Ocidente quanto para a União Soviética deu a ela um valor particular no contexto Leste-Oeste, que, para seu crédito, Ancara alavancaria com sucesso nas décadas seguintes.

Curiosamente, esse entrelaçamento complexo, em alguns aspectos, tem uma estranha semelhança com a atual adesão da Suécia e da Finlândia à OTAN. O presidente russo Vladimir Putin deve ter aludido a isso indiretamente [quando disse à mídia](#) na quinta-feira em paralelo à Cúpula do Cáspio em Ashgabat:

“A OTAN é uma relíquia da Guerra Fria e está sendo usada apenas como um instrumento da política externa dos EUA destinada a manter seus estados-clientes sob controle. Esta é a sua única missão. Nós demos a eles essa oportunidade, eu entendo isso. Eles estão usando esses argumentos de forma enérgica e bastante eficaz para reunir seus chamados aliados.

Por outro lado, em relação à Suécia e à Finlândia, não temos problemas com a Suécia e a Finlândia como temos, lamentavelmente, com a Ucrânia. Não temos questões territoriais ou disputas com eles. Não há nada que possa inspirar nossa preocupação com a adesão da Finlândia e da Suécia à OTAN. Se eles querem, podem fazê-lo, ... deixe que o façam. Você sabe, há piadas rudes sobre entrar em coisas desagradáveis. Esse é o negócio deles. Deixe-os entrar no que eles desejam.”

Ao regressar da Cúpula de Madri da OTAN, o presidente turco [Recep Erdogan sublinhou](#) que, ao levantar as reservas de Ancara sobre a adesão da Suécia e da Finlândia, promoveu os interesses turcos e acrescentou a ressalva de que a sua adesão ainda está longe de ser um fato consumado, e os desenvolvimentos futuros dependem do cumprimento dos compromissos do [memorando de entendimento](#) que assinaram em Madri com a Turquia.

De fato, tanto a Suécia quanto a Finlândia se esforçaram para dar à Turquia amplas garantias antiterrorismo que exigem mudanças na legislação doméstica em troca da retirada de veto de Ancara contra as negociações de adesão. Erdogan insiste que o que importa não são suas promessas, mas a entrega dessas promessas.

É difícil vender internamente tanto para a Suécia quanto para a Finlândia, já que uma das promessas é a extradição de 76 curdos, considerados terroristas pela Turquia. É mais fácil falar do que fazer, pois os tribunais de Estocolmo e Helsinque podem ter sua própria definição de “terrorista”.

A ratificação da Assembleia Nacional Turca é uma obrigação para que a admissão dos países nórdicos seja formalizada a nível da OTAN. Há alguma especulação de que o presidente dos EUA, Joe Biden, incentivou Erdogan a se comprometer, mas, não se engane, o aviso deste último sobre o cumprimento por parte da Suécia e da

Finlândia – assim como os rumores já audíveis na esquerda na Suécia – são lembretes de que a questão ainda está amplamente em aberto.

Afinal, a Macedônia do Norte era um país parceiro da OTAN desde 1995, mas poderia se tornar membro da OTAN em março de 2020. E a reserva da Grécia era que a recém-independente ex-república iugoslava queria ser conhecida como Macedônia, enquanto Atenas via o nome como uma ameaça à sua própria região da Macedônia – e, [finalmente, a Grécia venceu](#). Em comparação, as preocupações da Turquia são tangíveis e afetam diretamente sua segurança nacional.

A Turquia nunca foi um “aliado natural” da OTAN. Até que ponto a Turquia concorda com o mais recente conceito estratégico da OTAN de que a Rússia é uma “ameaça mais significativa e direta” é discutível. Indiscutivelmente, a Turquia se sentiria mais em casa com a doutrina de 2010 da aliança que chamou a Rússia de “parceiro estratégico”. Isso precisaria de alguma explicação.

O professor Tariq Oguzlu, um dos principais expoentes da dinâmica de mudança das políticas externas turcas nos últimos anos de um ponto de vista estrutural realista, escreveu uma análise na semana passada intitulada [Madrid Agreement and the balance policy in Turkish foreign policy](#) (*Acordo de Madri e a política de equilíbrio na política externa turca*), que foi interessantemente apresentada pela Anadolu, agência de notícias estatal da Turquia. Oguzlu explicou a lógica por trás da decisão da Turquia de não vetar a adesão dos dois países nórdicos:

“A Turquia começou a mudar sua perspectiva sobre a OTAN há muito tempo devido à sua autonomia estratégica e compreensão da política externa multilateral... Considerando a reviravolta realista na política externa turca nos últimos três anos, é bastante significativo que a Turquia não tenha vetado o alargamento da OTAN.

Por um lado, a segunda Guerra Fria entre o Ocidente e a Rússia estreita a margem de manobra na política externa turca, enquanto, por outro lado, aumenta a importância estratégica da Turquia. O desafio mais importante para a política externa turca nos próximos anos será a continuação bem-sucedida das práticas de política externa multifacetada orientadas para a autonomia estratégica da Turquia em um ambiente de aprofundamento da polarização internacional.

A política de equilíbrio adotada entre o Ocidente e a Rússia é um dos legados estratégicos mais importantes deixados à República da Turquia pelo Império Otomano. É uma necessidade estratégica para a Turquia, que tem uma capacidade de poder de médio porte, seguir uma política de equilíbrio para alcançar os interesses nacionais. As políticas adotadas pela Turquia desde o início da guerra da Rússia contra a Ucrânia até agora e a postura exibida na última cúpula da OTAN em Madri mostram que essa herança histórica é abraçada e executada com sucesso.”

Para colocar as coisas no contexto histórico, em 1920, Mustafa Kemal abordou formalmente Vladimir Lenin com uma proposta de reconhecimento mútuo e um pedido de assistência militar. Os bolcheviques não apenas responderam positivamente, mas, ao se juntarem ao crescente movimento de nacionalistas turcos, ajudaram a fortalecer as fronteiras meridionais do novo estado turco. No

período de 1920 a 1922, a ajuda militar da Rússia soviética a Atatürk foi de quase 80 milhões de liras – o dobro do orçamento de defesa da Turquia!

Em 1921, em Moscou, os dois lados concluíram o “Tratado de Amizade e Fraternidade”, que resolveu as disputas territoriais entre os kemalistas e os bolcheviques. A fronteira nordeste da Turquia então estabelecida permanece inalterada até hoje.

No entanto, tanto Moscou quanto Ancara entenderam que a cooperação entre nacionalistas turcos e comunistas russos seria de curta duração. Logo depois, a Turquia abandonou o campo de Moscou, banuiu o partido comunista e, durante a invasão nazista, procurou uma oportunidade para invadir o Cáucaso soviético se o Exército Vermelho entrasse em colapso. No entanto, Atatürk nunca esqueceu a ajuda que a Rússia soviética forneceu em sua hora de necessidade.

A perspectiva histórica é necessária para entender a manipulação dos EUA da Turquia – e da Suécia e Finlândia no contexto atual. Biden está seguindo os passos do presidente Harry Truman. Washington usou a mesma tática da Guerra Fria para atrair a Suécia e a Finlândia para o rebanho da OTAN, como empregou há 70 anos em relação à Turquia.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M.K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
